

# Geraldo de Barros fotografa a luz que ofusca

**BERNARDO CARVALHO**

Da Reportagem Local

Em 1952, um jornal brasileiro perguntava em manchete de alto de página: "Poderá haver fotografia abstrata?". A resposta era "sim", segundo Geraldo de Barros, cuja obra fotográfica pode ser vista até 25 de setembro, no Museu da Imagem e do Som.

A pergunta pode parecer hoje, 42 anos depois, fruto de provincianismo, academicismo e atraso cultural de um país de periferia diante dos modernismos, mas continua de uma grande pertinência.

O crítico francês André Bazin deixou claro, em 1958, que não existe fotografia abstrata. Mesmo a mais abstrata das fotografias é sempre um registro ótico. Mesmo a fotografia de formas irreconhecí-

veis continua sendo um registro ótico de alguma coisa. A foto de um microorganismo, por exemplo, será sempre o retrato de um microorganismo.

Boa parte das fotografias de Geraldo de Barros realizadas entre 46 e 51 e expostas agora no MIS —sobretudo as chamadas "fotoformas", que já tinham sido apresentadas em 51, no Masp— tentam escapar desesperadamente a essa ontologia da imagem fotográfica a que se referia Bazin.

São imagens que tentam submeter a fotografia a uma perspectiva pictórica e reduzi-la a formas. Poderia haver talvez um aspecto trágico nessa rebeldia do pintor contra uma sina da fotografia, querendo inutilmente libertá-la do que ela é. Mas não há.

A experiência de criar uma foto-

grafia abstrata, que na época pode ter parecido uma atitude inovadora, hoje tornou-se datada e resta mais como fruto de uma vontade, muito paulista, de modernizar, de introduzir no país, atrasado, o que anos antes vinha sendo feito lá fora. Não é por essas fotos que Geraldo de Barros é um grande fotógrafo; não é por causa delas que esta é uma das mais belas exposições fotográficas já apresentadas em São Paulo nos últimos anos.

O problema da experiência puramente formal e "modernizadora" é que, tentando banir inutilmente toda dimensão ontológica da fotografia, ela revela muito da ingenuidade do projeto. Ao contrário, os auto-retratos de Geraldo de Barros, entre outras imagens na exposição, são verdadeiras obras-primas, incorporando uma

profunda dimensão dramática.

As fotos de Geraldo de Barros oscilam entre duas vontades aparentemente contraditórias: parecem querer ver algo que não está nas coisas (as fotoformas, por exemplo) e, por outro lado, estão obcecadas com a luz que, em vez de clarear, ofusca, esconde, impossibilita a visão —como o magnífico auto-retrato com o fecho de luz sobre os olhos do autor.

É esse conflito com a luz, uma luz que ofusca a visão, essa estranha concepção da visão como impossibilidade de ver, que garante ao trabalho fotográfico de Geraldo de Barros a originalidade de um verdadeiro artista —e não apenas uma inovação formal.

Geraldo de Barros/Divulgação

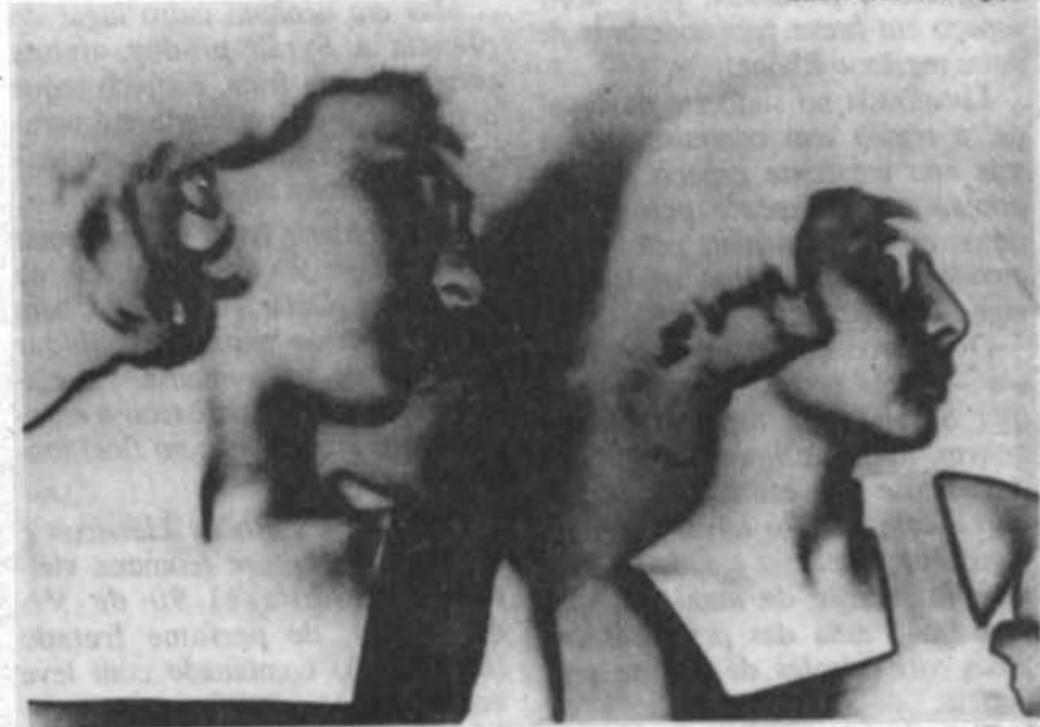


Foto de Geraldo de Barros, com processo de solarização